



RESISTÊNCIAS EPISTÊMICAS DE PROFESSORAS NEGRAS UNIVERSITÁRIAS: GARIMPANDO VESTÍGIOS AFROCÊNTRICOS

Raimunda Nonata da Silva Machado¹

*Departamento de Educação II/Programa de Pós-Graduação em Educação
(PPGE/UFMA), São Luís, MA, Brasil.*

Resumo: O estudo problematiza: como ocorrem as produções de conhecimentos? Quem produz o quê? Por que produzem? Quem são as professoras negras e o que produzem na universidade? Garimpa vestígios afrocêntricos, analisando as resistências epistêmicas de professoras negras universitárias, a partir das suas vozes. Sustenta-se em teorias Pós-coloniais e Decoloniais, entrecruzando produções que criticam pensamentos hegemônicos eurocentrados. Os resultados evidenciam maneiras de: 1) transcender as epistemologias científicas, enfatizando às posições teóricas produzidas em contextos de subjugação e colonialidade do ser, saber e poder (QUIJANO, 2005) e, 2) produzir outras vias de acesso com novas formas de inteligibilidade (JAPIASSU, 1992) que ajudam na composição de territórios questionadores e complementadores da racionalidade moderna.

Palavras-chave: Professoras Negras. Resistências Epistêmicas. Universidades.

BLACK FEMALE PROFESSORS EPISTEMIC RESISTANCE: SEARCHING FOR AFROCENTRIC TRACES

Abstract: The study problematizes: how do the productions of knowledge occur? Who produces what? Why do they produce? Who are the black female professors and what do they produce at university? Search for afrocentric traces, analyzing the epistemic resistance of black female professors, based on their voices. It is based on postcolonial and decolonial theories, intercrossing productions that criticize eurocentric hegemonic thoughts. The results evidence ways of: 1) transcending scientific epistemologies, emphasizing the theoretical positions produced in contexts of subjugation and coloniality of being, knowing and power (QUIJANO, 2005) and, 2) producing other access routes with new forms of intelligibility (JAPIASSU, 1992) that help in the composition of questioning and complementary territories of modern rationality.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Mestre em Ciências Sociais e Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora Adjunta do Departamento de Educação II, do curso de Pedagogia da UFMA e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFMA). É pesquisadora dos Grupos de Estudos e Pesquisa: Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe/PPGE/UFMA), Gênero, Sexualidade e Práticas Educativas (GESEPE/UFMA), São Luís/MA/Brasil e do Núcleo de Estudos e Pesquisa Roda Griô: Gênero, Educação e Afrodescendência (RODA GRIÔ/GEAfro), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina/ PI/Brasil. E-mail: rainsmachado@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7754-8128>

Keywords: Black female professors. Epistemic Resistance. Universities

RESISTENCIA EPISTEMICA DE PROFESORAS NEGRAS DE LA UNIVERSIDAD: EN BUSCA DE RASTROS AFROCÉNTRICOS

Resumen: El estudio problematiza: ¿cómo ocurren las producciones de conocimiento? ¿Quién produce qué? ¿Por qué producen? ¿Quiénes son los profesores negros y qué producen en la universidad? Extrae huellas afrocéntricas, analizando las resistencias epistémicas de las profesoras negras de la universidad, desde sus voces. Se basa en teorías poscoloniales y decoloniales, producciones que se cruzan y critican los pensamientos hegemónicos centrados. Los resultados muestran formas de: 1) trascender las epistemologías científicas, enfatizando las posiciones teóricas producidas en contextos de subyugación y colonialidad del ser, el conocimiento y el poder (QUIJANO, 2005) y, 2) producir otras formas de acceso con nuevas formas de inteligibilidad (JAPIASSU, 1992) que ayudan en la composición de cuestionamientos y complementos de territorios de racionalidad moderna.

palabras-clave: Profesoras negras. Resistencia epistémica. La universidad

RÉSISTANCES ÉPISTÉMIQUES DE PROFESSEURS NOIRS D'UNIVERSITÉ: DENICHANT DES TRACES AFROCENTRIQUES

Résumé: L'étude problématise comment se produit les productions de connaissances? Qui produit quoi? Pourquoi produisent? Qui sont les professeurs noirs et qu'ils produisent à l'université? Déniche des traces afrocentriques, analysant les résistances épistémiques de professeurs noirs d'université, de vos voix. Se soutient des théories Post-coloniales et Décoloniales en croissant entrecroisées productions qui critiquent pensées hégémoniques eurocentrées. Les résultats mettent en évidence les moyens de: 1) transcender les épistémologies scientifiques en soulignant les positions théoriques, produites dans le contexte de la assujettissement et colonialité d'être, savoir et pouvoir (QUIJANO, 2005) et, 2) produire autres routes d'accès avec des nouvelles formes d'intelligibilité (JAPIASSU, 1992) qui aident dans la composition de territoires questionneurs et complémentâtes de la rationalité moderne.

Mots-clés: Professeurs noirs. Résistances épistémiques. Les universités.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre garimpar vestígios afrocêntricos, a partir das resistências epistêmicas de professoras negras universitárias advém dos estudos, em desenvolvimento, com o Projeto de Pesquisa “Professoras Afrodescendentes no Magistério Superior: vozes epistêmicas”, denominado Projeto MAfroEduc, que analisa experiências educacionais de professoras negras universitárias e destaca os significados e efeitos das marcações fenotípicas nas suas trajetórias.

O estudo compreende esse conjunto de produção de experiências, saberes e conhecimentos como vozes epistêmicas de professoras negras universitárias e questiona: há vestígios afrocêntricos, nessas vozes, como forma de resistência ao processo de epistemicídio que, historicamente, tem negligenciado e silenciado as potencialidades culturais, científicas e intelectuais das professoras negras universitárias? Essas vozes epistêmicas são narrativas de produções científicas desenvolvidas em dissertações e teses, além de depoimentos acerca da trajetória educacional e profissional de professoras universitárias negras.

Essa busca por vestígios afrocêntricos foi motivada por nossas próprias experiências de mulher negra enfrentando os racismos, durante a nossa trajetória educacional (da educação básica à educação superior, incluindo a pós-graduação) e, atualmente, no exercício da docência universitária. Evidenciar e sentir a permanência dos racismos, ainda quando nós, mulheres negras, ocupamos espaços privilegiados, é o que tem motivado a investigação das trajetórias de professoras universitárias negras.

Esse propósito começou a germinar em 2005 quando analisamos, na monografia de conclusão da graduação, mediante contribuições da perspectiva da nova história, a trajetória de duas mulheres negras maranhenses na educação superior da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), na década de 1960: Isméria Marques da Silva (1938...)² e Vera Lúcia Lobato (1943 a 2014)³.

Esse estudo nos instigou a problematizar como são possíveis intervenções pedagógicas antirracistas na contemporaneidade, resultando na dissertação (2008), que analisou possibilidades de experiências educativas antirracistas em espaços escolares, e,

² Isméria Marques da Silva (1938...) nasceu em 23 de agosto de 1938, no município de Coroatá/MA. Em 1963, ingressou no Curso de Geografia e História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Após o desmembramento desses cursos, em 1965, Isméria diplomou-se bacharel e licenciada em Geografia e, em 1969, é licenciada em História. Atuou como professora da Educação Básica, principalmente na área de História. Foi coordenadora de Centro Cívico, Presidente do Clube de Professores e Diretora de Sindicato. Como sindicalista, participou da criação da Associação de Professores do Estado do Maranhão (APEMA) e assumiu a direção do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica das Redes Públicas Estadual e Municipais (SINPROESEMMA).

³ Vera Lúcia Lobato (1943 a 2014) nasceu em 25 de outubro de 1943, no município de São Luís/MA. Na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), licenciou-se em Pedagogia (1965 a 1968). Em Matemática, cursou bacharelado entre 1969 a 1972 e licenciatura nos anos 1973 a 1974. Atuou na Educação Básica lecionando disciplinas de Matemática em escolas públicas e privadas. Foi orientadora de Aprendizagem e professora da Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa (FUNTEVÊ). Em 1972, foi docente universitária contratada do Departamento de Física e Matemática/UFMA, sendo aprovada, em 1981, em 1º lugar no concurso público – Classe Professora Assistente.

na tese (2015), que analisou aprendizagens sobre significados de gênero e raça, visando formulação de políticas públicas e projetos pedagógicos.

Nas buscas por saberes e práticas antirracistas, nas produções das professoras negras universitárias, localizamos vestígios afrocêntricos reconhecendo sua fertilidade no desenvolvimento de pedagogias afrocentradas nos espaços de formação de professores/as e pesquisadores/as, a exemplo da própria universidade.

A noção da Afrocentridade está ancorada nos estudos de Asante (2009, p. 93) como: “um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” que, somados as reflexões de Castiano (2013), reconhece “saberes, atitudes e valores resultantes da confrontação que os sujeitos de qualquer comunidade cultural criam como respostas à sua exposição ao conhecimento ‘importado’”.

Então, ao ingressar no magistério superior (2014), retomamos as inquietações da monografia, com o Projeto MAfroEduc (2016), e realizamos uma busca acerca de projetos e estudos que têm sido desenvolvidos, dando visibilidade às trajetórias de professoras negras universitárias.

Alguns desses projetos/estudos foram nossos inspiradores: o Projeto Mulheres de Axé, concebido pelo Coletivo de Entidades Negras (CEN), a Série Cientistas Negras Contemporâneas da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e o Catálogo: Intelectuais Negras Visíveis, organizado por Giovana Xavier (2017).

Outros estudos, que têm contribuído com as nossas reflexões, estão no Dossiê Temático: “Negros e negras, séculos XIX-XXI: desafios, projetos e memórias” da Revista da ABPN (2018). O conjunto de artigos dá visibilidade às memórias de intelectuais negros e negras, constituindo-se um projeto afrocentrado de luta contra o epistemicídio, logo, contra o apagamento das experiências da população negra no Brasil.

Assim, tem sido possível localizar vestígios afrocêntricos, inicialmente, aprofundando os conhecimentos sobre **memórias femininas negras** que enfatizam: saberes, experiências advindas de sujeitos que foram subalternizados na lógica do pensamento imperialista e que são valorizados em abordagens da Nova História, da Pós-colonialidade e da Decolonialidade.

O conjunto dessas **memórias femininas negras** chamaremos, neste estudo, de **vozes epistêmicas** e serão analisadas, mediante uso da meta-análise qualitativa, pelo viés da interpretação da interpretação (GEERTZ, 2008), em duas modalidades de **narrativas** (BENJAMIN, 1985).

A **primeira modalidade de narrativa foi garimpada**, por meio do Estado da Arte. É oriunda de **produções científicas** (dissertações e teses) sobre trajetórias de professoras universitárias negras em várias universidades brasileiras. A **segunda**, provém de **relatos de experiências** e **depoimentos** de professoras negras que atuam e atuaram na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Também utilizamos o **survey por internet** e realizamos consultas no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFMA e da UFPI e na Plataforma Lattes, criada e mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), integrando as bases de dados de currículos, grupos de pesquisa e instituições. Por estes instrumentos, procedemos ao estado da arte e ao mapeamento de docentes universitárias negras na UFMA e UFPI.

No banco de teses da CAPES garimpamos, principalmente, resumos de dissertações e teses da área da educação, a partir de **indicadores de busca** constituídos por palavras-chave como: mulheres negras e professoras negras universitárias. Com o primeiro indicador localizamos 1.051 dissertações e 283 teses, porém, não enfatizavam a trajetórias de professoras negras universitárias. Com o segundo, acessamos 65 dissertações e 57 teses, que também incluía trajetórias de docentes da educação básica. Desse modo, selecionamos 5 dissertações e 6 teses, cujos estudos compreendem os anos 2008 a 2017 e tratam, especificamente, da problemática da presença da mulher negra na docência universitária.

Com o uso do SIGAA procedemos da seguinte forma: por unidade departamental identificamos as professoras universitárias negras, por meio das fotos disponibilizadas nas páginas e analisamos se as disciplinas ministradas e projetos desenvolvidos tinham relação com as questões étnico-raciais. Em seguida, recorreremos a Plataforma Lattes para obter mais informações sobre as experiências acadêmicas das docentes negras, visando convidá-las para participarem da nossa pesquisa.

Desse modo, iniciamos uma rede colaborativa e interinstitucional com troca de experiências entre grupos de pesquisa na região Meio-Norte do nordeste brasileiro (Maranhão e Piauí) com ênfase nas trajetórias de professoras negras, inicialmente, que atuam e atuaram na área da educação.

Nosso pressuposto é o entendimento de que a razão subalternizada (MIGNOLO, 2003) pode transcender as epistemologias científicas tradicionais, enfatizar e articular as posições teóricas que são produzidas em contextos de subjugação e colonialidade do ser, saber e poder (QUIJANO, 2005). E, com isso, organizar maneiras de produzir outras e novas formas de inteligibilidade (JAPIASSU, 1992) que, em desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008), ajudam na fabricação de territórios questionadores e complementadores dos pensamentos universais e da racionalidade moderna, cuja lógica tem padronizado, ordenado e regulado os modos de pensar e fazer ciência.

Desse modo, vimos que as primeiras reflexões desta pesquisa apontam indícios de construção de narrativas de decolonização das práticas culturais acadêmicas em universidades brasileiras, mediante o trabalho de elaboração de narrativas que inserem e visibilizam novas vozes epistêmicas no âmbito das produções intelectuais como estratégia de **intervenção epistemológica** nas práticas acadêmicas. É esse modo de resistência ao epistemicídio, que analisaremos pelo viés das vozes das professoras universitárias negras, garimpando vestígios afrocêtricos em suas memórias.

RESISTÊNCIAS EM VOZES EPISTÊMICAS: HÁ VESTÍGIOS AFROCÊNTRICOS?

As vozes são plurais, podem ser: valorizadas, hegemônicas, ocupar posição significativa, privilegiada e de prestígio. De outro modo, desvalorizadas, subalternizadas, marginalizadas, silenciadas e submetidas a relações desiguais de poder.

Essas diferentes vozes estão na composição das **memórias femininas negras**, que denominamos de **vozes epistêmicas**. Elas agrupam uma infinidade de saberes e experiências inconclusos com potências que precisam, igualmente serem legitimadas. São, por assim dizer, equivalentes a *gnose*, uma junção da *doxa* (opinião) e da *episteme* (ciência). Porém, a questão é que as vozes epistêmicas ainda são dependentes da



epistemologia ocidental, mesmo as mais afrocêntricas porque os discursos não possuem apenas origem socio-histórica, mas também epistemológica (MUDIMBE, 2013).

De todo modo, a produção de conhecimentos, que esteja ancorada na valorização da cultura africana e faz uso de seus saberes e experiências tradicionais, carrega consigo vestígios afrocêntricos como condições fundamentais na construção de práticas libertadoras.

Quando consideramos/valorizamos a multiplicidade de vozes como sendo epistêmicas, compreendemos que as singularidades, de cada voz, produzem novas relações de produção científica, novos arranjos de sociabilidade que, ao incluírem as histórias, que não são validadas na ciência cartesiana, são capazes de decompor ou desestabilizar as hierarquias na produção de conhecimentos.

Essa reflexão sobre as vozes epistêmicas surge com o questionamento sobre a produção de conhecimentos: como ocorrem? O que se produz? Quem produz? O que é escutado no campo científico? Como são mobilizadas as possibilidades de produção de condições de existências mais justas?

As reflexões sobre estes questionamentos têm sido realizadas, principalmente, com base nas **produções científicas** (dissertações e teses) que analisam as trajetórias de professoras universitárias negras e nos **relatos de experiência e depoimentos** de docentes negras da UFMA e da UFPI.

AS VOZES EPISTÊMICAS EM PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

No sentido de compreender o que dizem as vozes epistêmicas em **produções científicas**, destacamos cinco dissertações e seis teses, entre os anos 2008 a 2017. O principal critério, desta seleção, é porque são estudos da área da educação que analisaram as experiências educacionais/acadêmicas de 43 (quarenta e três) docentes negras, que atuam/atuaram no magistério superior de instituições públicas e privadas, em diversas universidades brasileiras de diferentes regiões brasileiras, além de constituir vozes de professoras universitárias negras.

Quadro 1: Dissertações e Teses sobre trajetórias de docentes universitárias negras (2008-2015)

DISSERTAÇÕES		
AUTORAS/ES	TÍTULO	INSTITUIÇÃO E ANO



Maria Aparecida dos Santos Crisostomo. Orientador: Marcos Antonio dos Santos Reigota	Mulher negra: trajetórias e narrativas da docência universitária em Sorocaba – São Paulo	Universidade de Sorocaba – UNISO / 2008
Raimundo Nonato Silva Junior Orientadora: Iran de Maria Leitão Nunes	A cor na Universidade: um estudo sobre identidade étnica e racial de professores/as negros/as na Universidade Federal do Maranhão no Campus do Bacanga.	Universidade Federal do Maranhão – UFMA / 2011
Isabel Cristina Silva Machado Orientadora: Nilda Guimarães Alves	Professoras Negras na UERJ e cotidianos curriculares a partir dos primeiros tempos do acervo fotográfico J. Vitalino	Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ / 2011
Maria do Rosário de Fátima Vieira da Silva Orientadora: Maria do Amparo Borges Ferro	Mulher afrodescendente na docência superior em Parnaíba: memórias da trajetória de vida e ascensão social	Universidade Federal do Piauí – UFPI / 2012
Taiana Flores de Quadros Orientador: Jorge Luiz da Cunha	Vidas de mulheres negras, professoras universitárias na Universidade Federal de Santa Maria	Universidade Federal de Santa Maria – UFSM / 2015
TESES		
Maria Clareth Gonçalves Reis Orientadora: Waldeck Carneiro da Silva	Trajetoórias de mulheres negras, professoras que atuam no ensino superior: as histórias de vida que as constituíram.	Universidade Federal Fluminense – UFF / 2008
Maria Auxiliadora de Paula Gonçalves Holanda Orientadora: Ercilia Maria Braga de Olinda	Tornar-se negro: trajetórias de vida de professores universitários no Ceará.	Universidade Federal do Ceará – UFC / 2009
Margareth Maria de Melo Orientadora: Nilda Guimarães Alves	Gerando eus, tecendo redes e trançando nós: ditos e não ditos das professoras e estudantes negras nos cotidianos do curso de pedagogia	Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ / 2012
Maria de Lourdes Silva Orientadora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva	Enfrentamentos ao racismo e discriminações na educação superior: experiências de mulheres negras na construção da carreira docente	Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR / 2013
Maria Aparecida dos Santos Crisostomo Orientadora: Marcos Antonio dos Santos Reigota	Mulheres negras no cotidiano universitário: flores, cores e sentidos plurais	Universidade de Sorocaba – UNISO / 2014
Maria Simone Euclides Silva Orientadora: Joselina da Silva	Mulheres negras, doutoras, teóricas e professoras universitárias: desafios e	Universidade Federal do Ceará – UFC / 2017



Fonte: Pereira, França, Machado (2018), Dissertações e Teses analisadas com atualizações da autora.

Os estados investigados foram: Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, mostrando maior incidência desses estudos na região do nordeste brasileiro. Em relação ao nosso universo de pesquisa (UFMA e UFPI), foi possível localizar apenas duas dissertações, uma em cada universidade.

O estudo dessas trajetórias de docentes universitárias negras é, primordialmente, de interesse dos próprios sujeitos que se reconhecem mulher negra. Apenas duas pesquisas fizeram um deslocamento dessa regularidade. Uma é de autoria masculina e a outra é de uma pesquisadora que não possui fenótipo negro. Vejamos um resumo das vozes epistêmicas de docentes universitárias negras, interessadas nas suas próprias trajetórias!

1. Maria Aparecida dos Santos Crisostomo (dissertação e tese): é mulher negra, docente na Universidade Paulista – UNIP, desde 2004. Dedicou-se em: “tecer os fios da história de nós mulheres, negras que ousamos apesar das adversidades, sair dos becos que ora nos foi designados, para ocuparmos outros “lugares” possíveis. [...] Busca por compreensão daquilo que não é falado, mas, vivido e sentido” (CRISOSTOMO, 2008, p. 11). Entende a escrita da própria história como instrumento de resistência e empoderamento, de reescrita da história das mulheres negras, sendo que, aquelas que não tem o fenótipo negro e assumem a causa, tornam-se negros como postura política. Nessa aventura se registra o lugar da mulher negra na história. Crisostomo disponibilizou reflexões sobre as experiências de 7 (sete) docentes universitárias negras, na região sudeste, entre os anos 2000 e 2010 e constatou que a universidade é o símbolo do neo-racismo brasileiro, constituindo-se com um universo de segregação racial.

2. Isabel Cristina Silva Machado (dissertação) é professora negra, tutora da Universidade do Grande Rio, investigou a presença de professoras negras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mediante análise de fotografias do acervo oficial, desta instituição, no período de 1950 a 1976. Foi se (re)descobrimo como mulher negra nesse percurso da pesquisa:

um processo de mergulhar no que eu sou e no que fui me tornando [...] olhando para minha pele, qualquer espectador pode me identificar enquanto negra, porém há algum tempo atrás se me perguntasse qual a minha cor, esta circulava



entre o morena, jambo e outras definições que iam se afastando do ser negra. Investigar a vida desta professora me fez ler e (re)descobri um pouco da minha história e ao mesmo tempo revisitar momentos da minha vida que me foram muitos dolorosos (MACHADO, 2011, p. 132).

Saber do ingresso da professora Maria José da Silva Oliveira como primeira professora negra da UERJ, em 1970, aguçou a curiosidade de Isabel Machado que, ao perseguir trilhas em busca das memórias desta professora, constatou que: “somos presenças desencontradas... parte de um conjunto (mulheres negras) que lutou e luta por conseguir abrir outros *espaçostempos* de trabalho com suas identidades” (2011, p. 80)

3. Maria do Rosário de Fátima Vieira da Silva (dissertação) foi professora universitária contratada. Considera-se mulher negra. Embora não tenha o fenótipo acentuado, sua identidade advém das experiências de sua mãe, mulher negra, que lhes apresentou as condições de vida desse grupo. Possivelmente, esse diálogo com a mãe lhes fazia observar a composição racial dos lugares que frequentava. O seu interesse de pesquisa fluiu da sua própria história de vida, de experiências como aluna e professora de instituições da Educação Básica e Superior. Como aluna e, depois, como professora contratada pela UESPI, Rosário Silva inquietando-se com a ausência de professoras negras nesta universidade, investigou a trajetória de 4 (quatro) docentes negras, sendo duas da UESPI e duas da UFPI, identificando marcas de racismo, discriminação e lutas de classe social.

4. Maria Clareth Gonçalves Reis (tese) é professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Identifica-se como mulher, pesquisadora e professora negra. Este pertencimento lhe envolveu na análise das trajetórias de docentes negras, cujas, narrativas coincidem com as suas experiências desde a infância até a maturidade, com enfrentamentos das diferentes formas de manifestação do preconceito racial, na luta por ocupar os espaços sociais. Na sua análise sobre os processos de construção de identidades raciais de professoras negras universitárias mostra que as discriminações raciais dificultam as ascensões sociais, econômicas e culturais desse grupo, pois, quando ascendem, são sempre vistas “fora do lugar”.

5. Maria Auxiliadora de Paula Gonçalves Holanda (tese) foi professora concursada da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA), em Sobral/Ceará, de 1994 até 2005. Entre 2001 e 2002 foi colaboradora na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e entre 2006 e 2008 na Universidade de Brasília (UnB). A sua trajetória,

também se junta às das outras professoras partícipes de sua pesquisa, cujo, estudo é um reencontro consigo mesma, uma forma de apropriação da própria pesquisa. Mostra as suas experiências de poder que, sendo filha dos “donos do Colégio”, não era humilhada com xingamentos, tal como observava nas outras crianças.

6. Margareth Maria de Melo (tese) é docente da Universidade Estadual da Paraíba. Considera-se negra, o que pode ser notável pelos traços físicos que possui. Compreende que as professoras produzem “eus” e capacitam para a convivência com as diferenças, as suas intervenções alteram as identidades. Analisando a trajetória, inclusive a sua, de 4 (quatro) docentes da Universidade Estadual da Paraíba, confronta-se com a tensão das ideias de igualdade, branqueamento, democracia racial no tecido da afirmação/negação de ser negra. A tese é um aprendizado de ser mulher, de ser negra...

7. Maria de Lourdes Silva (tese) foi professora universitária contratada, no período de 2011 a 2013, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Identifica-se como mulher negra, lugar que recria e tece suas didáticas e posturas como professora. Investigou a trajetória de 4 (quatro) professoras do Mato Grosso do Sul que instrumentalizam seus modos de enfrentar as discriminações raciais em projetos familiares de investimento cultural e na militância de sindicatos e entidades do movimento negro.

8. Maria Simone Euclides (tese) é licenciada em Pedagogia e possui mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV/MG). É doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é docente adjunta do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Seus estudos e pesquisas têm analisado as experiências de educacionais de mulheres negras. A tese, em particular, investigou a trajetória profissional de nove docentes negras e doutoras, que atuam em universidades públicas do Ceará, visando compreender as interferências do racismo institucional e das relações de gênero em suas trajetórias profissionais, bem como os desafios encontrados para se legitimarem no espaço acadêmico e científico.

Com a difícil tarefa de escolher o que dizem/pensam essas docentes (pesquisadoras negras e de partícipes das pesquisas), dentre tantas riquezas de experiências e saberes, vimos, o quanto seus estudos foram motivados por seus desejos, (in)diretos, de desconstrução dos significados de inferioridade oriundos dos discursos racistas e sexistas. As mulheres negras têm o desafio de desconstruir esses discursos, que



naturalizam a suposta ausência de sua intelectualidade, colocando-lhes o fardo de terem que:

comprovar as suas competências, capacidades e outras qualidades em todas as horas e contextos. Uma vida de testes e testagem permanentes. Vivência histórica de provações, autoavaliações, questionamentos, autoafirmação, desconfianças e autoconfiança cotidianas (BOAKARI, 2015, p. 29).

As próprias experiências cotidianas das pesquisadoras, com as relações raciais, instigaram-lhes a compreender a desobediência de outras mulheres – professoras negras – que, com experiências semelhantes, resistem na luta por reconhecimento e legitimidade na posição intelectual que ocupam nas universidades brasileiras.

A análise de trajetórias de professoras negras no magistério superior, a partir das produções de dissertações e teses, evidenciou basicamente o seguinte:

- A docência, e particularmente o magistério superior, representa para essas mulheres um mecanismo propulsor de sua ascensão social e econômica;
- A maioria das professoras, participantes desses estudos, atuam nas licenciaturas, com destaque para os cursos de Pedagogia e Letras;
- Relatam situações de “dificuldades financeiras, resiliência, força, firmeza, altivez, construção de pertencimento, convicções e indignação com as desigualdades e injustiças sociais” (EUCLIDES, 2017).

As professoras negras universitárias se movimentam, transitam e ocupam as universidades construindo espaços e pedagogias afrocêntricas. Nas memórias acadêmicas visibilizadas, entre as 43 (quarenta e três) professoras, destacamos os seguintes vestígios afrocêntricos:

- A criação de laboratório de Programa de Culturas Populares com ênfase nos estudos das experiências da população negra e indígena, aproximando a universidade da comunidade local;
- A defesa pela presença de estudos das questões raciais nos componentes curriculares dos cursos universitários;
- O apoio e a participação em eventos científicos que discutem questões raciais e africanidades na educação;
- O entendimento de que a ascensão social da população negra é um modo de transformação social;



- O uso da própria trajetória de luta contra situações de discriminação e preconceito como referencial de incentivo aos alunos para que reflitam sobre os racismos;
- A implantação de projetos como “Negrada da Terra”, visando a melhoria do curso pré-vestibular da UFPI para fortalecimento da Educação das Relações Étnico-raciais (ERER) no espaço universitário;
- O uso de múltiplas linguagens, dando visibilidade aos poemas e literaturas afro-brasileiras e africanas, assim como documentários, filmes, vídeos, contos e lendas como estratégia de reconhecimento e valorização das experiências do Continente Africano, aproximando a comunidade universitária da cosmovisão africana;
- As orientações de monografias, dissertações e teses;
- A criação de grupos e núcleos de pesquisa no campo da Educação da Relações Étnico-raciais (ERER), valorizando a produção de conhecimento sobre a diáspora africana; e,
- A implantação de Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), propulsor em potencial das pedagogias antirracistas ou afrocêntricas nas universidades brasileiras.

São modos de vida acadêmica que se entrecruzam, mostrando-nos o quanto somos “presenças desencontradas”, como afirma Isabel Machado (2011), organizando em espaços/tempos diferentes vozes epistêmicas que, em meio a esses (des)encontros, são alimentadas por estilos de ação desobedientes de uma ordem questionável. Essa desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2016) cria, potencializa e dissemina outras epistemes capazes de sustentar a produção de pedagogias afrocentradas.

Em síntese, essas produções científicas mostram que todas as trajetórias estudadas (tanto das pesquisadoras quanto das participantes da pesquisa) denunciam, principalmente, as marcas dos racismos, dos preconceitos e discriminações; mostram o quanto as lutas de classe social são interseccionadas por dimensões de gênero e raça, além de nos ajudar a compreender que os investimentos culturais são propulsores estratégicos da mobilidade social, no entanto, nenhuma titulação anula os esquemas de pensamentos da racionalidade moderna, que desqualificam a população negra porque tem raízes africanas e a população feminina por não serem dotadas de princípios de objetividade.

AS VOZES EPISTÊMICAS EM RELATOS E DEPOIMENTOS DE EXPERIÊNCIA DE SI

No conjunto das vozes epistêmicas, garimpadas nas produções científicas, encontramos somente uma dissertação na UFMA e uma na UFPI, cujos estudos destacam 8 (oito) professoras negras, sendo 4 (quatro) de cada instituição.

Essa constatação somada ao fato de que estes espaços universitários fazem parte de nossas experiências educativas e profissionais, incitou-nos a concentrar, este estudo, nessas duas universidades. Constitui o início de nossas reflexões e tem o propósito de contribuir com a ampliação do conjunto de estudos já desenvolvidos no âmbito da análise de trajetórias educacionais e profissionais de mulheres negras. Além disso, tem como ponto de partida nossas próprias experiências universitárias, realizando estudos, nesse campo, como ex-aluna da UFMA/UFPI e, atualmente, docente negra da UFMA.

Até o momento, não foi possível obter dados estatísticos atualizados sobre o quantitativo de docentes, nessas instituições, distribuídos por gênero, raça, faixa etária, titulação e área de conhecimento. Porém, consultamos o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) e a Plataforma Lattes, gerando uma lista de possíveis docentes da UFMA e da UFPI a serem entrevistadas.

Selecionamos as professoras, mediante o uso do critério de **heteroatribuição**, considerando tanto as suas marcações fenotípicas (a exemplo da cor da pele, formato de nariz, lábios, cabelos...) visíveis nas suas fotografias, quanto as suas atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas a questão racial, chegando a seguinte listagem:

Quadro 2: Professoras Negras na UFMA/UFPI, por heteroatribuição (2018)

PROFESSORAS	UNIDADES/CAMPI (UFMA/UFPI)
1. Alba Patricia Passos de Sousa	Curso de Pedagogia/CAFS (UFPI)
2. Ana Beatriz Sousa Gomes	Departamento de Fundamentos da Educação (UFPI)
3. Carla Cecilia Serrão Silva	Serviço Social (UFMA)
4. Cenidvalva Miranda de Sousa Teixeira	Biblioteconomia (UFMA)
5. Cidinalva Silva Câmara Neris	Curso Estudos Africanos e Afro-brasileiros (CEAA/UFMA)
6. Claudia Alves Durans	Serviço Social (UFMA)
7. Delcineide Maria Ferreira Segadilha	Departamento de Educação I (UFMA)
8. Diomar das Graças Motta	Departamento de Educação II (UFMA)
9. Fabiana Pereira Correia	Campus Codó (UFMA)
10. Franciele Monique Scopetc dos Santos	Campus Codó (UFMA)
11. Francisca das Chagas Silva Lima	Departamento de Educação II (UFMA)
12. Gilvana Nascimento da Silva	Campus São Bernardo (UFMA)



13. Ilka Cristina Diniz Pereira	Campus Codó (UFMA)
14. Jascira da Silva Lima	Campus Codó (UFMA)
15. Joelma Reis Correa	Departamento de Educação I (UFMA)
16. Katia Evangelista Regis	Curso Estudos Africanos e Afro-brasileiros (CEAA/UFMA)
17. Maria da Guia Viana	Curso Estudos Africanos e Afro-brasileiros (CEAA/UFMA)
18. Maria do Carmo Alves da Cruz	Departamento de Educação I (UFMA)
19. Maria do Socorro Gonçalves da Costa	Campus Codó (UFMA)
20. Maria Francisca da Silva	Campus São Bernardo (UFMA)
21. Maria José Pires Barros Cardozo	Departamento de Educação II (UFMA)
22. Marise Marçalina de Castro Silva Rosa	Departamento de Educação I (UFMA)
23. Raimunda de Jesus Araújo Ribeiro	Biblioteconomia (UFMA)
24. Raimunda Nonata da Silva Machado	Departamento de Educação II (UFMA)
25. Raimunda Ramos Marinho	Biblioteconomia (UFMA)
26. Rosa Maria Pimentel Cantanhede	Gabinete/PRH (UFMA)
27. Rosemary Ferreira da Silva	Departamento de Educação I (UFMA)
28. Valdenice de Araújo Prazeres	Departamento de Educação II (UFMA)
29. Vera Lúcia Lobato Almeida ⁴	Departamento de Matemática (Aposentada Falecida)
30. Waldecy Das Dores Vieira Vale	Departamento de Educação Física (UFMA)

Fonte: Produzido pela autora com base no Sistema SIGAA

Além disso, mediante aproximações acadêmicas com as professoras e estabelecimento de uma **rede de solidariedades**, na qual outras docentes vão sendo indicadas para participarem da pesquisa, utilizamos o critério de **autoatribuição**. Por esta via, surgiram professoras que não possuem o fenótipo negro e que reivindicam identidades negra ou afrodescendente. Consideram suas origens familiares e suas motivações pelo fortalecimento da humanidade africana. No quadro 3, listamos as docentes que se reconhecem mulheres negras e afrodescendentes.

Quadro 3: Professoras Negras na UFMA/UFPI, por autoatribuição (2017-2018)

PROFESSORAS	UNIDADES ACADÊMICAS
Diana Rocha da Silva	Biblioteconomia (UFMA)
Karla Cristina Silva Sousa	Departamento de Educação II (UFMA)
Maria das Dores Cardoso Frazão - afrodescendente	Departamento de Educação II (UFMA)
Maria do Carmo Alves da Cruz	Departamento de Educação I (UFMA)
Rosemary Ferreira da Silva	Departamento de Educação I (UFMA)
Valdenice de Araújo Prazeres	Departamento de Educação II (UFMA)
Waldecy das Dores Vieira Vale	Departamento de Educação Física (UFMA)
Efigênia Alves Neres - afrodescendente	Departamento de Fundamentos da Educação (UFPI)

⁴ A professora Vera Lúcia Lobato Almeida foi co-participante de nossa pesquisa de conclusão do Curso de Pedagogia, em 2005, intitulada: Mulheres Negras Maranhenses na Educação Superior em São Luís.



Francilene Brito da Silva -
afrodescendente

Departamento de Artes (UFPI)

Vicelma Maria de Paula Barbosa
Sousa - afrodescendente

Curso de Pedagogia/ Campus Amílcar Ferreira Sobral
(CAFS/UFPI)

Fonte: Produzido pela autora com base no Sistema SIGAA

Apontamos a existência de professoras que, no decorrer da pesquisa, se reconhecem afrodescendentes e que são marcadas pela história e cultura da população africana e afrodiapórica. Entretanto, deixaremos as problematizações dos perigos e potencialidades do uso do termo afrodescendente para outra oportunidade.

As reflexões, deste estudo, têm como primazia as formações socioculturais e políticas, simbolicamente, marcadas pelo termo negro/a usado como categoria social e política para se referir as lutas e embates de relações de poder que são enfrentadas cotidianamente pela população negra. Estudos como este, acerca das experiências negras, continuam denunciando e desestabilizando a força perversa do colorismo ou a pigmentocracia, resultante do processo colonizador de miscigenação!

Dentre as primeiras vozes epistêmicas da UFMA e da UFPI que tivemos acesso, apresentamos fragmentos (seleções perigosas, pois nem sempre coincidem com o que cada sujeito gostaria de privilegiar) de quatro narrativas escritas pelas próprias professoras negras:

ME GRITARAM: PRETA, GORDA E SAPATÃO!

Franciele Monique Scopetc dos Santos (UFMA)

[...] O ensino superior, pós-graduações diversas, instituições diversas, professoras e professoras diversas/os, cidades, estados, comidas, amores e sabores, diversos, me mostraram que mesmo os espaços mais diversos e seguros, por assim dizer, lhe gritam: negra, gorda e sapatão!

O feminismo de mulheres negras, como o de Sueli Carneiro, Angela Davis e tantas outras Carolinas de Jesus, me mostraram que é necessário ver para crer. Ver é o processo principal para empoderar-se.

[...] porém é possível ver! Ver outras mulheres negras visíveis. Há sempre desconfiança em creditarem a nós, negras, lugares de visibilidade (ou como prefiro: dispositivos de poder). Assim, desempenhar o visível incomoda por gratuidade. Sejam aqueles/as que gritam nos corredores, sejam aquelas/es que duvidam, de antemão, o por que hoje ainda é necessário gritar: Negra, gorda e sapatão!

Tais construções fortificam as vias do empoderamento e da formação dessa identidade de mulher negra que sou, mas problematizo que muitos movimentos de mulheres ainda perpetuam as dificuldades relacionais com lésbicas e transexuais, dentre eles os movimentos de mulheres



negras. A qualificação acadêmica me oportunizou a inserção em um local de trabalho que outras mulheres como eu não ocupam, além de poucas ressalvas... (VI EMEMCE e VI SIMPERGEN⁵, 2017).

UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA...

Francilene Brito da Silva (UFPI)

Construir e aproveitar conhecimentos talvez aconteça assim: nós trançamos aquilo que já sabemos: saberes científicos, saberes artísticos e saberes da vida. Os dois primeiros saberes, como diria Mikhail Bakhtin (2000)⁶ não são possíveis sem a responsabilidade com o terceiro. A vida é a faixa de cabelo imprescindível para que possamos pesquisar e criar. É nela que consigo ser professora e ser artesã nela e dela mesma. Tenho aproveitado e construído os conhecimentos sobre arte, docência em arte e sobre pesquisa em arte a partir da minha vida de afrodescendente.

A resposta que tenho dado a minha vida e ancestralidade tem sido diante do trabalho como professora de História da Arte, Estética e Filosofia da Arte, Projeto Orientado e Seminário de Pesquisa em Arte. Ainda não consegui me dedicar a pesquisa como gostaria – talvez a limitação das horas trançando as aulas não permita tal abstração e dedicação. Porém, as leituras, as discussões no Núcleo Roda Griô GEAfro (Gênero, Educação, Afrodescendência) me fazem persistir na busca dessa conquista: pesquisar e ministrar aulas, bem como tentar ser e refletir sobre meu ser afrodescendente e mulher.

Nesse ínterim, vejo que efetivamente tenho aproveitado os assuntos dessas disciplinas já citadas para trançar um diálogo que pense a “mulher” e a “criança” afrodescendentes nas imagens que nos (des)educam. Tenho construído um movimento de ida e vinda entre as discussões de gênero, da imagem e da afrodescendência dentro do ensinar/aprender arte. Ou pelo menos, tenho tentado. Assim, vou trançando aquilo que possivelmente me traz graça e beleza para bem viver (Relato do acervo do MAfroEduc).

TRILHAS DO FORMAR, INTERVIR E REFLETIR SOBRE NÓS MESMAS

Raimunda Nonata da Silva Machado (UFMA)

A força resiliente em nossa trajetória produz autocontrole e autoconfiança, diante dos infortúnios ocasionados pelos preconceitos e discriminações raciais. O mecanismo de enfrentamento dessas situações é o próprio engajamento acadêmico fabricado nas trilhas do: Formar, Intervir e Refletir.

*Na **trilha do Formar**, os grupos de pesquisa nos alimentam com teorizações que interseccionam raça, gênero, sexualidade e classe*

⁵ VI Encontro Maranhense sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero no Cotidiano Escolar (VI EMEMCE) e VI Simpósio Maranhense de Pesquisadoras (ES) sobre Mulher, Relações de Gênero e Educação (VI SIMPERGEN), que aconteceu na UFMA, no período de 11 a 14 de setembro de 2017, discutindo a temática: “A mulher Afrodescendente no Cotidiano Escolar”.

⁶ BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



social. São eles: Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe/UFMA), Grupo de Estudos em Gênero, Memória e Identidade (GENI/UFMA), Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UFMA) e Núcleo de Pesquisa RODA GRIÔ/GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência (RODA GRIÔ/GEAFRO/UFPI). Na **trilha do intervir**, a docência na educação básica e superior, em cursos como: Gênero e Diversidade na Escola (GDE), Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça (GPP-GeR), além de produções científicas oriundas de monografias, dissertações e teses são estratégias e possibilidades de intervenção pedagógica nas aprendizagens e nos usos críticos dos conceitos de gênero e raça nas práticas educativas. Na **trilha do refletir** sobre relações raciais e de gênero estruturadas na lógica da sociedade eurocêntrica, patriarcal e racista, construo possibilidades de intervenção pedagógica que dê visibilidade às experiências desse grupo.

Cada **trilha** é ávida em desestabilizar a continuidade de legitimação de uma única epistemologia e reconhecer outras pedagogias críticas nas relações de gênero e de raça na escola, na universidade, enfim, na sociedade. (VI EMEMCE e VI SIMPERGEN, 2017)

Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa (UFPI)

Como uma mulher afrodescendente que constrói, nos seus cotidianos de professora universitária, de cursos de formação inicial de professoras(es) numa universidade pública brasileira, piauiense, florianense e teresinense, espaços-tempos de convivências em que as nossas histórias importam, porque as nossas vidas só podem ser possíveis de existir quando, àquelas, nós damos a importância devida.

Objetivamente, participar de núcleos de estudos e pesquisas sobre Gênero, Educação e Afrodescendência – GEAfro-Roda Griô; Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Cidadania e Políticas Públicas – NEPEGEI; Observatório de Juventudes e Violências na escola – OBJUVE, possibilitou ampliar a minha responsabilidade na docência do ensino superior, com a construção mais humana dos processos educativos-formativos como prática docente, a dar mais importância às experiências vivenciadas como labirintos da formação humana. A reconhecer em outras literaturas e nas ditas clássicas, porque assim, desde as suas nomeações até o como nos chegam e com elas o que podemos fazer para descrever, explicar e entender melhor os nossos cotidianos, os nossos (não)lugares na sociedade brasileira. Apresentando e discutindo literaturas/produções científicas (socializando e discutindo nossas pesquisas) que contam outras histórias de nós: latinas-americanas, brasileiras, piauienses, como possibilidade enquanto professora universitária em uma universidade pública, fazer ressoar em nós, mulheres afrodescendentes, a complexidade de habitar esse espaço-tempo. Criando situações em que o ato de escuta e de fala pautem as nossas práticas de formação. (Relatos do acervo do MAfroEduc).

Essas memórias femininas negras potencializam e enriquecem a amplitude das experiências que foram historicamente desperdiçadas. São vozes epistêmicas carregadas de vestígios afrocentricos que fazem, cotidianamente, resistência ao epistemicídio. Afinal, nós mulheres negras, somos testemunhas de nossos fazeres, saberes, de nossas próprias forças. Assim como bell hooks (1995, p. 466) declara:

Tornei-me minha própria testemunha esclarecida, capaz de analisar as forças que atuavam sobre mim e através dessa compreensão manter um senso separado de mim mesma. Ferida, as vezes perseguida e vítima de abusos encontrei na vida intelectual um refúgio, um abrigo onde podia experimentar a sensação de atuar sobre as coisas e com isso construir minha identidade subjetiva. Esse reconhecimento vivido de como a mente pelo pensamento crítico podia ser usada a serviço da sobrevivência, como podia ser uma força curativa em minha luta para combater o desespero da infância, me permitiu tornar-me um eu autônomo na família disfuncional e levou-me a valorizar o trabalho intelectual. Valorizava-o não por ter-me trazido status ou reconhecimento, mas porque oferecia recursos para intensificar a sobrevivência e meu prazer de viver.

As docentes negras universitárias carregam os riscos (para alguns) e a energia vital afrocentrada (ASANTE, 2009, 2016) de rejeição da marginalidade e da alteridade impostas pelo eurocentrismo. Interpelam as injustiças raciais dentro e fora das universidades. Nós estamos produzindo engajamento político e epistêmico que contribui na construção de mentalidades mais sensível às desigualdades raciais e de gênero, aos processos de lutas e de conquistas institucionais, sociais e políticas para população negra/afrodescendente na sociedade brasileira.

Olhar as práticas acadêmicas de professoras negras universitárias, a partir das memórias em produções científicas ou de suas vozes epistêmicas, permite reconhecer e sistematizar um conjunto de pedagogias sustentadas na perspectiva da afrocentricidade (ASANTE, 2009), cujos princípios exigem atenção quanto:

- 1) à localização psicológica, ou seja, o lugar sociocultural e histórico dos sujeitos no continente africano e na diáspora;
- 2) ao compromisso com a posição de sujeito da pessoa africana e afrodiaspórica, valorizando-a como protagonista e agente de suas experiências;
- 3) à defesa e proteção dos elementos culturais africanos;
- 4) aos cuidados com o refinamento léxico, mantendo vigilância as linguagens de cunho racistas; e,



5) ao compromisso com uma nova narrativa da história da África, desconstruindo falsificações de registros históricos que marginalizaram as produções africanas.

As professoras negras universitárias tornam-se afrocentristas e elaboram pedagogias afrocentradas quando falam, agem, desconstroem, reconstroem e se (re)posicionam nos territórios epistêmicos. Spivak (2010) compreende que a fala do/a subalterno/a é obliterada, porém, vemos que a sua voz se traduz em resistência dentro do próprio lugar de enunciação dos discursos hegemônicos e eurocentrados.

Enquanto intelectuais, as mulheres negras falam pela própria voz e criam espaços de articulação e ampliação dessas vozes, tais como: a criação de Núcleos e Grupos de Pesquisa, componentes curriculares, organização de eventos científicos, orientações de monografias, dissertações e teses, como vimos nas produções científicas e relatos de experiências de si, pois,

só quem é conscientemente africano – valoriza a necessidade de resistir à aniquilação cultural, política e econômica – está corretamente na arena da afrocentricidade. Não significa que os outros não sejam africanos, apenas que não são afrocêntricos. Assim, ser afrocentrista é reivindicar o parentesco com a luta e perseguir a ética da justiça contra todas as formas de opressão humana (ASANTE, 2009, p. 102).

O projeto de estudo e pesquisa que temos, tem o desafio de ampliar essas vozes epistêmicas na produção do conhecimento. Isto significa (re)escrever nossas histórias com as experiências docentes universitárias, ampliar a produção desse tipo de narrativa e construir uma universidade mais justa, que analisa a realidade sociocultural brasileira, considerando as complexidades das redes sociais interconectadas por múltiplas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória educacional e profissional de mulheres negras que se tornaram professoras universitárias em diferentes universidades brasileiras é constituída por trilhas de resistências epistêmicas que fabricam e potencializam práticas educativas ou pedagogias afrocentradas, uma vez que, este grupo de mulheres negras se movimentam na sociedade desestabilizando a ordem hegemônica colonizadora de práticas culturais e simbólicas de prestígio social.



A (re)apropriação de papéis sociais ou profissões privilegiadas, como a docência universitária, é fundamental na construção de novos espaços de distribuição de poder, de equidade e de justiça social e cognitiva. São maneiras/estratégias de desobediência à hegemonia da cultura eurocentrada para criar, potencializar, reconhecer e disseminar outras formas de pensamento que consegue enxergar as mulheres negras como produtoras de ciência.

Ao garimpar vestígios afrocêntricos em vozes epistêmicas, destacamos a fala, as experiências, as intervenções, as práticas educacionais de mulheres negras. Com isso, compreendemos que todos esses elementos são criadores de suas memórias, logo, constituem as suas vozes epistêmicas porque são oriundas de suas práticas acadêmicas que produzem experiências, saberes e conhecimentos de si e de seu grupo, denunciando formas criadoras de sua exclusão, ao mesmo tempo que faz resistências (re)criando espaços, histórias, privilégios que abalam a estrutura social. Este movimento é inconcluso e crescente!!!

Nesse sentido, as vozes epistêmicas são memórias femininas de luta, resistência e criação de práticas afrocêntricas. É importante esclarecer que esses espaços não são uma inversão da mentalidade eurocêntrica porque, estes, tem fundamentos etnocêntricos. Os vestígios afrocêntricos que vimos buscamos equidade, justiça, distribuição de prestígio social com valorização e reconhecimento da história e cultura da população negra e sua diáspora africana.

Essas vozes são potentes e produzem narrativas de descolonização das práticas acadêmicas que constroem a imagem da professora universitária negra, por meio de:

- Marcas do preconceito, da discriminação e do racismo como obstáculos no seu ingresso e participação nas instituições universitárias.
- Fenômenos de exclusão quando a sua atuação intelectual é pouco representável, tornando-as “fora de seu lugar”.
- Marcadores de classe, gênero e raça, como estruturadores das relações sociais interferem no reconhecimento e valorização de seu alto grau de titulação e desempenho acadêmico.

Ainda, nas vozes epistêmicas, vimos que esse processo de descolonização está em curso por meio da realização de várias atividades acadêmicas, que constituem modos de resistência ao epistemicídio. Algumas dessas ideias descolonizadoras são:



- No exercício da docência, cada docente negra (re)inventa seus estilos de resistência aos estereótipos de gênero e raça, visando a sua sobrevivência e manutenção no campo de disputas e competitividade, estruturado pela colonialidade do poder, do saber e do ser.

- Apreendem os lugares praticados com subversão da ordem predita e se (re)posicionam no território epistêmico, dentro de visões colonizadoras de saberes e poderes, ampliando as vozes epistêmicas com suas falas, interesses e projetos.

- Produzem narrativas de decolonização das práticas culturais acadêmicas em universidades brasileiras, visibilizam outras e novas vozes epistêmicas no âmbito das produções intelectuais como estratégia de intervenção epistemológica nas práticas acadêmicas.

- Suas intervenções possuem vestígios afrocêntricos capazes de elaborar pedagogias que alteram as identidades. Há docentes que se reconhecem negras durante o processo de formação acadêmica e no percurso de sua própria pesquisa.

- Operam resistência epistêmica dentro do próprio lugar de enunciação dos discursos eurocentrados, usando, inclusive, essas literaturas para sustentar seus modos de enfrentamento das violências epistêmicas.

Essas maneiras de intervenção epistêmica precisam ser disseminadas para que possamos alimentar e retroalimentar nossas forças na produção e ampliação de estratégias epistemológicas de intervenção tais como: criação de grupos e núcleos de pesquisa, realização de eventos científicos, orientações de monografias, dissertações e teses, oficinas, cursos, produção de artigos, livros, dentre outros que alcancem a educação básica, educação superior e diferentes setores e áreas da sociedade.

Dessa forma, a presença de mulheres negras no magistério superior multiplica a razão subalternizada, a partir dos territórios de inferiorização em confronto e luta por seu reconhecimento na comunidade científica. Cria seus espaços de pesquisa e intervenção afrocêntrica, promovendo visibilidade e legitimidade a temas e experiências que têm sido historicamente silenciadas na tradição de produção do pensamento eurocêntrico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: *Editora Selo Negro*, 2009.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. *Ensaaios Filosóficos*, v. 15, Dezembro/2016.

BENJAMIN, Walter. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: *Brasiliense*, 1985.

BOAKARI, Francis Musa (et al). Educação, Gênero e Afrodescendência: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social. Curitiba: *CRV*, 2015.

CASTIANO, José P. Os saberes locais na academia: condições e possibilidades da sua legitimação. Maputo: Universidade Pedagógica/Centro de Estudos Moçambicanos e etnociências (*CEMEC*).

GEERTZ, C. A interpretação da cultura. Rio de Janeiro: *LTC*, 2008.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: *Vozes*, 1994.

HOOKS, B. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*. IFCS/UFRJ e PPCCIS/UERJ. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

JAPIASSU, Hilton. Introdução ao Pensamento Epistemológico. Rio de Janeiro: F. *Alves*, 1992.

MIGNOLO, Walter D. Histórias locais / Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: *Ed. UFMG*, 2003. p. 23-130.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MUDIMBE, Valentin Yves. A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Mangualde (Portugal), Luanda (Angola): *Edições Pedagogo; Edições Mulemba*, 2013.

PEREIRA; Walquiria C.; FRANÇA, Thays C.; MACHADO, Raimunda N. da. Arqueologia de resistências com professoras afrodescendentes universitárias. *Anais do I COPERGE*. São Luís: *EDUFMA*, 2018

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: *CLACSO*, 2005. p. 227-278.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 2010.

DISSERTAÇÕES E TESES ANALISADAS

CRISOSTOMO, M. A. dos S. Mulher Negra: trajetórias e narrativas da docência universitária em Sorocaba - São Paulo. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação), *Universidade de Sorocaba*, São Paulo, 2008.

_____. Mulheres negras no cotidiano universitário: flores, cores e sentidos plurais. 2014. 144 f. Tese (Doutorado em Educação), *Universidade de Sorocaba*, São Paulo, 2014.

EUCLIDES, Maria Simone. Mulheres negras, doutoras, teóricas e professoras universitárias: desafios e conquistas. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Educação), *Universidade Federal do Ceará*, Fortaleza, 2017.

HOLANDA, Maria Auxiliadora de Paula Gonçalves. Tornar-se negro: trajetórias de vida de professores universitários no Ceará. 2009. 211 f. Tese (Doutorado em Educação), *Universidade Federal do Ceará*, Fortaleza, 2009.

MACHADO, Isabel. Professoras Negras na UERJ e cotidianos curriculares a partir dos primeiros tempos do acervo fotográfico J. Vitalino. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação), *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2011.

MELO, M.M de. Gerando eus, tecendo redes e trançando nós: ditos e não ditos das professoras e estudantes negras nos cotidianos do curso de pedagogia. 2012. 234 f. Tese (Doutorado em Educação), *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2012.

QUADROS, T. F. de. Vidas de mulheres negras, professoras universitárias na Universidade Federal de Santa Maria. 2015. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação), *Universidade Federal de Santa Maria*, Santa Maria, 2015.

REIS, M. C. G. Mulheres negras e professoras no ensino superior: as histórias de vida que as constituíram. 2008. 205 f. Tese (Doutorado em Educação), *Universidade Federal Fluminense*, Niterói, 2008.

SILVA, M. de L. Enfrentamentos ao racismo e discriminações na educação superior: experiências de mulheres negras na construção da carreira docente, 2013. 241 f. Tese (Doutorado em Educação), *Universidade Federal de São Carlos*, São Carlos, 2013.

SILVA, M. do R. de F. V. da. Mulher afrodescendente na docência superior em Parnaíba: memórias da trajetória de vida e ascensão social. 2012, 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação), *Universidade Federal do Piauí*, Teresina, 2012.

SILVA JUNIOR, R.N. A cor na universidade: um estudo sobre a identidade étnica e racial de professores/as negros/as da Universidade Federal do Maranhão no campus do Bacanga. 2011. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação), *Universidade Federal do Maranhão*, São Luís, 2011.

Recebido em: 29/03/2021

Aceito em: 29/05/2021